

“Rede Globo retratando uma história *fantástica*: Aids, de 1983 a 1992”.

BARATA, Germana Fernandes¹ e MAGALHÃES, Gildo ²

¹Mestranda em História Social - FFLCH/USP

² Professor Livre-docente do Depto. de História - FFLCH/USP

O surgimento da Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) nos anos 1980 como maior epidemia do século XX modificou o papel da medicina e da ciência, como panacéia para os problemas humanos. Evidenciou as relações sexuais da sociedade - pós-liberação sexual, vivida no final da década de 1960 e marcada pelo festival de Woodstock – e, no Brasil, os inúmeros preconceitos, censuras e moral relativos a ela, em harmonia com o governo militar que encerraria em 1985, 20 anos de castração intelectual. Foi também a Aids que implementou mudanças no Brasil, sem precedentes, no sistema público de saúde, no controle de qualidade dos bancos de sangue, no engajamento da comunidade homossexual e nas disputas pela quebra de patentes de medicamentos da poderosa e bilionária indústria farmacêutica mundial. Nenhuma outra patogenia impulsionou tantas discussões científicas, governamentais e sociais, em tão curto espaço de tempo e de forma globalizada. Desempenhou também papel importante na divulgação científica, levando ao público leigo informações sobre as descobertas, avanços e desafios enfrentados por médicos e cientistas e revitalizou o diálogo dentro dos lares entre diferentes gerações e casais. Democratizou a preocupação com a contração e disseminação da doença entre pobres e ricos, jovens e velhos, homens e mulheres, brancos e negros, alfabetizados e iletrados. Conquistou importante espaço na grande mídia, brilhou em Hollywood, popularizou seu símbolo de fita vermelha e humanizou os doentes através de seus célebres soro-positivos. Trouxe à tona velhos mitos e símbolos da humanidade, sempre latentes no inconsciente coletivo, e nos obrigou a lidar com a fragilidade do homem moderno e seu temor pela morte.

Nestes 25 anos após o reconhecimento oficial do primeiro caso da Aids no mundo ¹, a problemática da doença se sofisticou, passando do *status* de doença letal para crônica,

baixando a guarda das novas gerações que cresceram na era dos coquetéis anti-HIV (vírus causador da Aids), onde os soro-positivos podem retomar suas vidas e se reintegrar na sociedade, muitas vezes preferindo manter sua condição em sigilo. Ainda não existe cura, mas os tratamentos avançaram e a qualidade de vida dos pacientes que têm acesso à medicação melhorou. Apesar disso, permanece o estigma em torno dos portadores do vírus HIV, que são automaticamente julgados por meio de onde e como se deu a contração da síndrome.

Entender essas múltiplas facetas em que a doença estava imersa é fundamental para a análise que se segue. Nosso foco de interesse é a divulgação científica da Aids para a população brasileira durante os dez primeiros anos em que a doença pautou a grande mídia, de 1983 a 1992. No caso da Aids, a informação era, e ainda hoje é, o maior aliado de sua prevenção. E são justamente as primeiras notícias divulgadas que ajudaram a construir o imaginário da doença na população e moldaram ou reforçaram o comportamento social diante da doença e de seus pacientes.

Nos primeiros anos da década de 1980, a divulgação das informações sobre a Aids precisou encontrar um equilíbrio entre tratar a questão pelo viés da moralidade - condenando os comportamentos dos grupos mais infectados pelo HIV e o da saúde pública, procurando garantir aos infectados uma qualidade de vida e tratamento médico, limites muito tênues nos primeiros anos da Aids. Foi assim que, a mídia se viu diante de um desafio: reportar um novo problema de saúde fatal e desconhecido, de uma forma responsável - informar sem inflamar, educar sem alardear ².

Certamente, esta não é a primeira vez que a divulgação da Aids nos meios de comunicação de massa desperta a atenção da academia. No entanto, as análises da divulgação da Aids através da mídia brasileira têm sido feitas quase exclusivamente baseadas nos jornais. Estes, diferentemente da televisão, ainda são um produto de elite, atingindo uma pequena parcela da população. Segundo dados do IBOPE, apenas 19% dos paulistanos lêem jornal (abril a junho de 2002), enquanto a televisão está presente em mais

de 90% dos lares brasileiros (2003), reforçando sua denominação de meio de comunicação de massa.

Televisão

No caso da Aids, a televisão desempenhou papel chave ao apresentá-la à população, muito antes que os governos, profissionais da saúde e pesquisadores tivessem respostas seguras sobre a doença. Trabalhos que tomaram a televisão enquanto meio de divulgação da Aids são escassos e lidam apenas com campanhas de prevenção da doença exibidas durante os intervalos comerciais e não propriamente dentro de programas televisivos. Este é o caso da análise das campanhas produzidas pela Rede Globo entre 1990 e 1994, estudada por Polistchuck (1999), ou pelo Ministério da Saúde, como fizeram Hildebrand (1995), de 1988 a 1991, e, mais recentemente, Contrera (2002)³. As campanhas, diferentemente do noticiário, estão voltadas para a prevenção e foram lançadas em 1986, quando o mundo já tinha construído uma primeira imagem da Aids.

A linguagem visual é o diferencial mais poderoso da TV que, além de dar mais credibilidade e veracidade às informações, carrega consigo símbolos e significados que fazem dela uma grande produtora de mitos. Essa capacidade de disseminar formas simbólicas, via texto e imagem, funciona como sementes ideológicas que são reforçadas na vida cotidiana e podem ser incorporadas nas interações sociais. Os símbolos que aparecem na TV são produzidos por ela, mas também reproduzidos a partir da sociedade, em um processo de retro-alimentação. “A TV não manda ninguém fazer o que faz; antes autoriza, como espelho premonitório, que seja feito o que já é feito”⁴, contrariando a visão de que a televisão manipula seus espectadores, que dela tudo aceitam de maneira passiva.

O Fantástico

Neste trabalho optou-se pela análise da divulgação da Aids, quando ela surgiu nas telas da TV, através do programa *Fantástico* da Rede Globo - emissora que já na época liderava a audiência nacional com e estava presente em todo o território nacional por meio de suas regionais. Trata-se de um programa-revista, que contém os resumos dos principais fatos da semana e, há 32 anos, vai ao ar sempre aos domingos, arrebanhando grandes

índices de audiência ⁵. Uma das características mais marcantes desse programa é a valorização de histórias extraordinárias, bizarras e grotescas inspiradas no gênero *fait divers* – originado na França do século XVIII para contar histórias na forma oral e escrita. “O *fait divers* proporciona assuntos que desviem da norma, levando o público a sentir-se melhor sobre si mesmo e descompromissando o autor da responsabilidade de analisar a história, ou seja, ao narrador cabe o papel de simplesmente mostrar/contar esta história” ⁶. A Aids, por ter sido à época uma doença desconhecida, moralizante (por ser transmitida sexualmente, principalmente), mortal e com alta capacidade de disseminação, atendeu prontamente os quesitos exigidos pelo *fait divers*.

Outra característica importante é que o *Fantástico* se destacou na divulgação de temas de Ciência e Tecnologia desde a década de 1970, quando mostrava os avanços dos países desenvolvidos ⁷ e sempre reservou amplas reportagens à questão da saúde, confirmando a preferência pelo tema também na divulgação científica de jornais e revistas. Muitos dos repórteres que cobriram a Aids no programa já tinham um histórico de trabalhos na área de saúde, como Hélio Costa, Ernesto Paglia e Eleonora Pascoal.

Nossa análise partiu de um levantamento feito pelo Centro de Documentação (Cedoc) da Rede Globo de televisão sobre as matérias que abordaram a Aids de 1981 a 1990, para cobrirmos a primeira década da doença. Como a busca no banco de dados é feita através do uso de palavras-chave (neste caso *Aids*), foram localizadas 105 matérias entre 1983 e 1992. Destas selecionou-se 25 que priorizaram os aspectos científicos da doença - encontros científicos, descobertas e avanços na prevenção, diagnóstico e tratamento -, além do anúncio da morte de personalidades (Freddy Mercury e Lauro Corona) e sobre comportamento (conceito de comportamento de risco, sexo seguro e manifestações no mundo). O tamanho da amostra foi definido dentro das possibilidades disponibilizadas pela equipe do Cedoc.

O foco está menos no conteúdo científico e mais nos símbolos e signos da Aids e da ciência produzidos como fruto de um fenômeno cultural, a partir de uma leitura e análise das imagens e do texto. Como a amostragem era pequena para a primeira década da Aids,

optou-se por uma análise qualitativa em detrimento da quantitativa. As hipóteses colocadas eram de que, pelas características do *Fantástico*, a divulgação da Aids teria reforçado: a imagem da ciência como mito e acima de qualquer suspeita (ou seja, não sendo questionada); os estereótipos e estigmas da doença; e as metáforas e mitos das doenças presentes no inconsciente coletivo.

Resultados

Na história da Aids, o *Fantástico* foi pioneiro na divulgação do nome Aids na grande mídia ao exibir em 27 de março de 1983 a reportagem “Síndrome da Deficiência Imunológica-Epidemia do Século” de Hélio Costa. Segundo Soares ⁸, a matéria mais antiga sobre a síndrome a que ela teve acesso data de 3 de junho de 1983, publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo* sob o título “Congresso Debate doença comum entre homossexuais”, que já trazia o nome de Aids e constava que no Brasil ainda não teria sido diagnosticado nenhum caso. O *Jornal do Brasil*, no entanto, bate a FSP com sua notícia de 21 de abril de 1983 de título “Congresso debate no Rio Aids, a doença que prefere os ‘gays’”. Outras notícias trataram da Aids anteriormente ao *Fantástico*, mas não nomeavam a doença desta forma. São elas: “Doença nova atinge homossexuais nos EUA” (30/05/1982), do *Jornal do Brasil*, e “Médico relatará o ‘câncer dos homossexuais’”, de 25 de março de 1983, da *Folha de S. Paulo*. Mais interessante é perceber a dimensão que o *Fantástico* dá à doença quando apenas em junho daquele mesmo ano apareceriam os primeiros dois casos de Aids no Brasil.

De forma geral, as notícias tiveram uma média de 7 minutos de duração, o que é considerado alto para os padrões das notícias televisivas (2 minutos já pode ser considerado relevante nos telejornais diários). As imagens da ciência estão exaustivamente presentes: tubos de ensaio, laboratórios, cientistas vestindo o jaleco branco, óculos, livros, microscópios, células e bactérias em movimento no microscópio, técnicos trabalhando no laboratório, entre outras. As qualificações dos cientistas ou especialistas são sempre enfatizadas, de forma a legitimar a informação dada pelos entrevistados. A autoria das matérias fica diluída em meio ao amplo número de repórteres em cada notícia. Muitas fontes são consultadas por matéria, chegando a 10 cientistas em apenas uma delas, com uma

média de 4. Os adjetivos usados nas matérias reforçam o gênero *fait divers* do programa: assunto *grave*, doença *misteriosa*, epidemia mais *violenta*, mal *fulminante*, avanço *assustador*, resultado *dramático*, estatísticas *estorrecedoras*, *esperança* na luta, *melhores* perspectivas, apenas para citar alguns.

De 1983 a 84, as matérias continham um tom reforçando o medo, o pânico e o mistério, estampado nas músicas de fundo, imagens escuras, voz do narrador, que direcionam a interpretação que o telespectador deve fazer da informação recebida. Aqui, as informações priorizadas são as científicas, principalmente no que diz respeito ao mecanismo de ação da doença e do sistema imunológico, formas de contaminação, sintomas, grupos de risco (principalmente “homossexuais, drogados, refugiados haitianos e pessoas que receberam transfusão de sangue”) e busca por uma vacina. A Aids é tratada como mal, epidemia, peste, sendo 100% mortal, fatal, fulminante. O objetivo principal é informar, sem questionar, mas as notícias chegam de forma a distanciar o espectador às realidades apresentadas.

A partir de 1985, quando o governo federal brasileiro oficializa sua ação de combate à Aids, as notícias passam a ter um tom alarmante, enfatizando que a epidemia está se disseminando e aproximando-se do espectador. O discurso científico passa a lidar também com a política: falta de investimentos em pesquisa, equipamentos para hospitais e recursos humanos para tentar conter a doença. Os pacientes passam a ser ouvidos. Surgem mapas da Aids no Brasil e no mundo e informações sobre os hospitais que atendem os pacientes da Aids. Ainda se fala em grupo de risco, com mais enfoque para homossexuais e usuários de drogas, além de avanços no tratamento da Aids. Embora apareça aqui a busca por tratamentos alternativos, a ciência é mostrada como reguladora da ordem, dos parâmetros, estando acima de tudo que não tenha seu aval, e, ao mesmo tempo, não se questiona quando ela própria utiliza pacientes para testar seus novos medicamentos.

De 1989 a 1992, o discurso passa a incorporar um tom de esperança. Surgem novas drogas que ampliam as possibilidades de tratamento, fala-se em vacina, em prolongamento da vida dos pacientes. Muda o perfil da doença e os heterossexuais e mulheres passam a

ser os principais novos casos de Aids. Cientistas aparecem cobrando mais ação do governo em relação a campanhas de saúde, distribuição de preservativos, medicamentos para todos os pacientes de Aids. Aparecem os primeiros rostos e nomes de pacientes, as primeiras celebridades com a doença e que contribuem para diminuir o preconceito da doença e humanizar seus doentes. Iniciam-se matérias que se interessam em esclarecer como a população deve agir em relação à Aids, com os temas de comportamento. Fica clara a aproximação e correspondência com o público.

Conclusão

A divulgação da Aids sem dúvida é carregada de símbolos de medo, moral, ciência, esperança que vão intercalando-se conforme aumenta o conhecimento sobre a doença, muda o perfil dos pacientes de Aids e os papéis dos atores na história - primeiro os cientistas, depois o governo, os pacientes e a sociedade em geral. As informações são bastante presas ao discurso das fontes consultadas, de forma a não se responsabilizar pelos discursos das notícias.

Por vezes o discurso da imagem se contrapõe ao do texto. Assim, embora seja dito que todos podem potencialmente contrair a Aids, as imagens enfatizam os homens homossexuais como principais contaminados. Fala-se em evitar o preconceito e o pânico, mas as imagens frisam salas de hospitais com aviso de *isolado*, pacientes são citados com nomes fictícios, mostrados de costas ou aparecendo apenas uma parte de seu corpo, surge faixa preta nos olhos da foto do paciente ou apenas sua sombra, e pergunta-se como contraíram a doença, novamente reforçando o julgamento da doença e seu caráter marginalizador.

É possível que um discurso contrário gerasse estranhamento nos telespectadores e resultasse em diminuição da audiência e, conseqüentemente, de ganhos da emissora. Em função da busca por esta correspondência de significados, o *Fantástico* poderia ter contribuído para aproximar seu público de um problema que já em seu primeiro programa anunciara que seria a epidemia do século. Ao contrário, preferiu reproduzir os valores e moral presentes na sociedade, deixando-a distanciada da realidade da Aids e contribuindo

para um quadro de ignorância que persistiu na sociedade brasileira até ela perceber que a Aids era problema de todos.

A mídia não foi a única a experimentar um período de desinformação sobre esse assunto. A própria ciência biomédica teve dificuldade em entender os mecanismos de atuação do retrovírus do porte do HIV, contribuindo para a manutenção de mitos sobre a doença⁹, como de início pensou-se que a transmissão seria unicamente anal¹⁰. Por outro lado, a Aids recolocou em discussão a subjetividade e os limites da distinção entre normal e patológico, tema historicizado e dinâmico¹¹, extrapolando da seara médica para a de costumes. A mídia, cuja relação de divulgação com a ciência, é tantas vezes problemática, no caso do programa *Fantástico* preencheu algumas lacunas junto ao grande público, mas deixou a descoberto os flancos por onde entram as questões bioéticas, morais e, no final, ideológicas.

Palavras-chave: Aids, televisão, divulgação científica, história da doença.

¹ Em 1981 inúmeros médicos diagnosticam uma nova doença, Aids, em grupos de homens homossexuais nos EUA. *The Chronology of Aids Research*. Nature. Vol. 326 (2), April, 1987.

² PRINCETON Survey Research Associates. *Covering the Epidemic: AIDS in the News Media, 1985-1996* (online). Menlo Park, CA: Henry J. Kaiser Family Foundation. p.1, June 26, 1996. Disponível em http://www.kff.org/archive/aids_hiv/general/psr/toc.html.

³ POLISTCHUCK, Ilana. *Campanhas de Saúde pela Televisão: a campanha da Aids da rede Globo*. Escola de Comunicação da UFRJ, 1999. HILDEBRAND, Luci Mary Araújo. Comunicação oficial brasileira sobre a Aids: um percurso pelas linhas e entrelinhas da telinha da teve. Escola de Comunicações e Artes-USP. 1995. CONTRERA, Wildney Feres. *Saindo da toca: um passeio no espaço público: A publicidade Oficial sobre Aids e o seu impacto comportamental*. Dissertação de Mestrado apresentada na ECA-USP. 2002.

⁴ Bucci, Eugênio e Kehl, Maria Rita, *Videologias*, pp.15 e 19. (São Paulo Boitempo, 2004).

⁵ Por exemplo, de 2 a 8 de maio de 2005 chegou a 33% na Grande São Paulo, segundo dados do IBOPE.

⁶ *Apud* Dubied, Annik e Lits, Marc. Extraído de MESQUITA, S. *Fantástico 27 anos no ar: o caleidoscópio da TV brasileira*. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo, pp.45, 1999.

⁷ SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira em *A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo*. AnnaBlume. São Paulo. 1999.

⁸ SOARES, Rosana de Lima. *Imagens Veladas: aids, imprensa e linguagem*. AnnaBlume. São Paulo, 2001.

⁹ ROOT-BERNSTEIN, Robert S. *Five Myths about Aids that have misdirected research and treatment*. Genetica, vol.95, N. 1-3, 1995.

¹⁰ Nas palavras de Robert Gallo, um dos descobridores do vírus da Aids, se alguém quisesse um agente biológico perfeito, seria difícil ganhar desse vírus – citado em Grauerholz, John, *Optical biophysics and viruses, 21st Century*, vol. 1, n° 3, July-August 1988.

¹¹ Conforme discorreu o médico e historiador da ciência Georges Canguilhem, em sua clássica tese de doutorado (1943), *O Normal e o Patológico* (Rio de Janeiro Forense Universitária, 1995).